

Getúlio Vargas e as representações nos *corpus* de folhetos de 1945 a 1954

GEOVANNI GOMES CABRAL*

O Nordeste brasileiro é tido como palco irradiador de uma literatura impressa em versos que, ao longo de sua existência, registrou passagens significativas de nossa História. Seu ambiente sócio-cultural permitiu que diversos poetas pudessem, através de sua visão de mundo, escrever uma crônica poética capaz de interessar a várias camadas sociais, revelando uma preocupação com o mundo ao seu redor, tematizando desta maneira seu cotidiano (DIÉGUES, 1986:39).

Com relação a esta diversidade temática Márcia Abreu (1999) nos mostra que os folhetos nordestinos que datam do final do século XIX até as duas primeiras décadas do século XX apresentam características próprias que permitem uma definição clara desta forma literária. Tornam-se definidas então as características gráficas, o processo de composição, edição e comercialização, assumindo, assim, funções de informar, ensinar e divertir o público que os adquiriam (GRILLO, 2005:39).

É neste contexto que se inserem os folhetos sobre Getúlio Vargas, personagem que, segundo Orígenes Lessa (1973:39), impressionou e fascinou as classes mais desprotegidas do Brasil, tornando-se um produto de mercado presente nos versos poéticos desta literatura. Ficando evidente que a partir das práticas sociais e políticas em torno desse dirigente estatal, os poetas construíam sua representação, focando sua versão nos fatos ocorridos. Nesse sentido, Chartier (2000) aponta que uma representação provém de uma prática social, de um registro concreto.

Vários são os motivos que explicam o interesse dos cordelistas por Getúlio Vargas: suas ações governistas referentes às práticas sociais, codificando e centralizando o sistema de leis trabalhistas, sua personalidade carismática, seu sorriso ou mesmo seu “auto-sacrifício” que culminou em suicídio em agosto de 1954 (CURRAN, 2001:112-113).

A presença de Getúlio Vargas nos folhetos é tida por alguns poetas como um marco neste tipo de literatura popular. Na paráfrase do Credo católico do poeta Cuíca de Santo Amaro, fica bastante claro para os leitores o quanto o presidente Getúlio Vargas

significava para o povo, o lugar que ele ocupava na representação social, a começar pelo título do folheto: “Deus no céu e Getúlio Vargas na terra”. Observem:

*Doutorando em História no Programa de Pós-Graduação da UFPE. Este artigo é fruto de uma pesquisa financiada pelo CNPq, que resultou na dissertação de mestrado intitulada *As Representações de Poder no Corpus de Folhetos de 1945 a 1954: Leitura da “Era Vargas”* defendida na UFPE.

Creio em Getúlio Vargas, todo poderoso, criador das
leis trabalhistas, creio no Rio Grande do Sul e no seu
filho, como nosso patrono o qual foi concebido pela Revolução
de 30, nasceu de uma Santa Mãe, investiu sobre o poder
de Washington Luiz, foi condecorado com o emblema da República,
desceu ao Rio de Janeiro ao terceiro dia,
homenageou ao mortos, subiu ao Catete e está hoje
assentado em São Borja, donde há de vir a julgar o
General Dutra e seus ministros. Creio no seu retorno
ao Palácio do Catete, na comunhão dos pensamentos,
na sucessão do Presidente Dutra por toda a vida.
Amém. (CURRAN, 2001:128)

Para Liêdo Maranhão de Souza (1976), Getúlio foi o presidente que mais inspirou os cordelistas, motivando os poetas a agirem como verdadeiros repórteres populares, trazendo as notícias “quentes” em forma de arte. Afirma ainda o pesquisador que nestes folhetos políticos, a precisão dos fatos é uma característica dos poetas-repórteres, mas vez por outra é possível encontrar algumas imprecisões nas histórias, que muitas vezes ocorrem devido à forma como a notícia foi transmitida ao interlocutor. É importante ressaltar que estes poetas com pouca ou nenhuma escolaridade acompanhavam tudo pelo rádio (JAMBEIRO, 2004), pelos jornais ou colhiam as informações através de conversas informais nas ruas.

Afirma, Cecília Azevedo (1990:32), que “a necessidade de transformar em versos seus sentimentos, suas vivências e angústias, leva os autores a escrever sobre temas que se referem à realidade da nova vida, como os fatos do cotidiano e os problemas típicos das grandes cidades que eles têm que enfrentar”. É por isso que a retratação de Getúlio Vargas encontra uma grande aceitação entre os poetas. Versejar sobre este político garantia aos autores uma grande tiragem de folhetos, pois tendo seu nome na capa facilitava a vendagem por onde circulava.

Segundo Orígenes Lessa (1973), era muito comum encontrar folhetos que falavam de políticos locais, mas muitos, na verdade, não passavam de obras feitas por encomenda no intuito de impressionar o povo nos comícios ou nas leituras dos textos nas praças da cidade. No caso de Getúlio, era impressionante como o poeta se

identificava com a sua política; tornava-se algo até natural ver-sejar sobre suas realizações. O poeta tinha grande ligação junto ao público, o que permitia uma maior divulgação de seus trabalhos.

Cuíca de Santo Amaro, poeta baiano, por exemplo, era muito crítico nas suas poesias, uma “metralhadora giratória” que distribuía comentários ácidos em todas as direções, mas quando o assunto era Vargas, o poeta mudava de postura, versava com muita emoção e exaltação à figura de seu líder (MATOS, 2004:92).

Nas suas pesquisas, Lessa (1973:60) aponta que o folheto mais antigo encontrado sobre Getúlio data de 1932, “O levante de São Paulo”, mas é justamente a partir do Estado Novo que passamos a ter produções deste gênero literário com mais freqüência. Inclusive, muitos folhetos foram alvo da censura do DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda), assim como muitos outros foram incentivados a ver-sejar glorificando o presidente e seus feitos sobre esta fase na política nacional. O próprio João Martins de Athayde teve cinco de seus folhetos retidos na mesa do censor por conterem versos que iam de encontro ao governo. Claro que Lessa (1973) não descartou a possibilidade de produções anteriores ao período de 1930 sobre Getúlio Vargas.

Outro fator que podemos mencionar como fundamental para entendermos o que levava os poetas a despertarem tanto interesse por Getúlio Vargas está associado ao papel jornalístico que estes folhetos desempenhavam ao trazer as informações em uma linguagem simples, versificada e gostosa de ler, direcionada a um público de pouca escolaridade. Assumindo, assim, o folheto uma faceta muito singular, a de reportar, informar, documentar, instruir e entreter o público com suas histórias (GALVÃO, 2003:87-98). Sem esquecer que, como já foi mencionado, os poetas inseridos também neste contexto das ações do presidente escreviam suas poesias porque elas tinham uma boa receptividade entre o público consumidor. O nome de Getúlio estampado na capa dos folhetos representava certeza de lucro e quando estes poetas caíam no gosto popular viravam verdadeiros ídolos da massa (MATOS, 2004:77).

Três momentos da trajetória política de Getúlio são tidos como marcos na produção e veiculação de folhetos nas feiras do país: um relaciona-se ao movimento Queremista, outro à campanha eleitoral de 1950 e outro à sua morte em agosto de 1954. Realmente, estes momentos citados são singulares para a vida de cada poeta, pois cada um buscou representar à sua maneira um pouco da trajetória desta personalidade

política. Como exemplo de tal produção, Rodolfo Coelho Cavalcante, conhecido como o poeta-repórter escreveu folhetos em 1945, momento da deposição de Vargas, e só deu tregua quando este ganhou as eleições, em 1950 (CURRAN, 1987:112).

Entretanto, acima de tudo, foi com sua morte, em 24 de agosto de 1954, que passamos a ter o “boom” da produção cordeliana sobre este político. Aquele tido como o “governante-pai”, presente na memória popular, dava adeus a seu povo, com um gesto de “sacrifício”, de humildade, legando uma carta na qual explicava à nação os motivos da sua morte, a qual termina com a seguinte citação: “Eu vos dei a minha vida. Agora ofereço a minha morte. Nada receio. Serenamente dou o primeiro passo no caminho da eternidade e saio da vida para entrar na História”.

Conta Orígenes Lessa (1973) que Delarme Monteiro da Silva, na cidade de Recife, ao saber da notícia veiculada pelo rádio na manhã de 24 de agosto, correu logo em pegar sua pena para poder registrar tal acontecimento, ainda abalado e tomado de profunda comoção. Em seguida, levou o manuscrito à tipografia, o qual, no final da tarde, foi posto nas ruas de Recife, chegando a vender 40.000 exemplares com o título “A morte do presidente Getúlio Vargas”.

E não faltaram poetas que queriam deixar sua última impressão, o que os obrigou a correrem contra o tempo para escrever, enquanto a notícia da morte estava ainda sob impacto e as pessoas estavam procurando obter informações. Outros, por sua vez, já davam um tom poético à carta-testamento, obtendo, assim, grandes tiragens, a exemplo de Amador Anselmo, com “Carta e Biografia do ex-presidente Getúlio Vargas” que vendeu 120.000 exemplares; José João dos Santos (Azulão), com “Vida e Morte de Getúlio Vargas”, 200.000 e Antônio Teodoro dos Santos, com “Vida e tragédia do Presidente Getúlio Vargas”, vendeu 280.000 (LESSA, 1973:120-121).

O interessante é que muitos poetas, ao escreverem seus folhetos, em 25, 26 ou 27 de agosto, antecipavam as datas de suas obras para 24 de agosto de 1954, com o objetivo de alcançar o sucesso dos demais poetas. Quanto aos folhetos que retratam sua biografia, vamos encontrar uma exploração poética mais consciente; o poeta verseja desde o nascimento, trajetória de vida, até a morte de Vargas ficando os versos com mais qualidade e emoção.

Portanto, podemos perceber o quanto Getúlio Vargas representou para o universo dos folhetos, tornando-se mote de muitos versos que exprimiam suas ações e

sua relação com a sociedade e a cultura popular. Todavia, as análises desses folhetos que seguem adiante neste texto nos permitem perceber que este tipo de poética popular está contido de diferentes significados e representações, nos possibilitando obter “leituras” diversas dessa relação leitor, poeta e ouvinte. Para isso, vamos dividir em dois blocos de análises: *corpus* de folhetos antes e depois do suicídio.

1- *Corpus* de folhetos antes do suicídio

Os poetas, ao versejarem sobre Getúlio nos anos de 1945 a 1950, apresentaram este como um grande “estadista”, o “poderoso da nação”, o “símbolo do país”, “a esperança”, etc. Não faltavam, na verdade, adjetivos entre os poetas para se dirigirem ao seu líder, àquela figura mitificada na representação social, presente nos debates populares, nas ruas, ou seja, no cotidiano do povo brasileiro.

Partindo deste ponto, podemos observar no folheto de Rodolfo Coelho Cavalcante (CURRAN,1987:258-261) uma predileção, ao versejar, pela temática Vargas com o intuito de apresentá-lo aos leitores, mostrar a sua importância enquanto um “símbolo de garantia” para a classe dos trabalhadores, uma vez que, na visão de Rodolfo, este “desempenhou com critério” ao longo dos anos em que esteve no poder, vejamos:

Agora, caros leitores
Para mim chegou o momento
Entre vários trovadores
De vibrar meu pensamento
Em torno do grande pensamento
Este Presidente augusto
Com pleno conhecimento.

Getúlio Dornelles Vargas
É o Presidente, leitores
O símbolo de garantia
Pra todos trabalhadores
No seu alto Magistério
Desempenhou com critério
Nos seus anos de labores. (p.258)

Seguem os versos nos quais o autor procura mencionar as ações desempenhadas por Vargas, as quais o levaram a ser representado como “símbolo de garantia para todos os trabalhadores”, conforme a estrofe anterior. Na defesa do presidente, apresentada nos versos abaixo, o poeta esclarece que vários grupos sociais foram protegidos, entre eles órfãos, viúvas e militares, mas chama atenção principalmente para a classe trabalhadora, que passou a receber uma aposentadoria. E

ênfatiza que, para a nossa sociedade, não teria outro presidente no contexto da Democracia sem ser o próprio Getúlio Vargas; como diz o poeta, “é só ele o presidente”. Leiamos com atenção:

Protegeu órfãos, viúvas,
Famílias desamparadas
Deu abono de família
Melhorou as classes armadas
Beneficiou o Nordeste
Combateu a seca e a peste.
Em todas as suas camadas. (p.259)
[...]

Qual foi o Chefe, leitores
Que deu aposentadoria
Ministro do Trabalho
Para a nossa garantia?
Por isto estamos ciente
É só ele o Presidente
Dentro da Democracia. (p.260)

E nas estrofes do final do folheto, Rodolfo apresenta sua visão no que diz respeito aos turbulentos meses que seguem à deposição do presidente pelos militares. Até porque este folheto foi escrito na crise desencadeada em 1945, quando o Estado Novo vivia seus momentos de declínio (SKIDMORE, 1982:72-89). É interessante notar que ele chama a atenção para o fato de que o folheto não tem o objetivo de atacar nenhum partido político, mas de mostrar com sinceridade quem é o verdadeiro “chefe da nação”:

Não venho com este folheto
Atacar nenhum partido
Todos têm o seu direito
Cada um é permitido
Mas não esconda a verdade
Fale com sinceridade.
Deste chefe da nação.
[...]
No tempo que agora passa
De confusão e chalaça
Mostremos brasilidade
Demonstremos firmemente
Junto ao nosso Presidente
Nossa solidariedade. (p.261)

Os folhetos que antecedem ou datam da campanha presidencial procuram trazer à memória da sociedade o que Getúlio fez pela nação e o porquê de se escolher tal presidente para assumir mais uma vez o palácio do Catete. Segundo Ângela Gomes

(1998:527), “a construção de sua figura e de toda sua obra governamental advém desde 1930 dos resultados de sua intervenção pessoal na direção do Estado”.

Todavia, vários foram os poetas que procuraram endossar, com seus folhetos, esta campanha de 1950, na qual se ouvia entre as pessoas o slogan “Ele voltará”. Em outro folheto, Rodolfo Coelho Cavalcante (s/d), volta a enfatizar, em suas estrofes, a importância de se escolher tal presidente, afirmando com muita veemência “Nós Queremos GETÚLIO”:

Nós queremos GETULIO
O maior dos brasileiros
Para que nossa Pátria
Pela a mão dos estrangeiros
Não seja ludibriada
Vendida negociada
Em troca de mil cruzeiros. (p.1)

Nas páginas seguintes do folheto, o poeta apresenta o quadro caótico em que se encontrava a sociedade brasileira na década de 50, marcada principalmente pela fome e pelo aumento do custo de vida. Em relação a este momento da política econômica do país, Thomas Skidmore (1982:145-146) afirma que “a inflação agravava as tensões sociais, porque tornara mais dramática as alterações na distribuição de renda. O grupo que mais sofreu com o aumento do custo de vida era a classe operária urbana”. Constatemos, pois, tal situação:

Nós Queremos é GETULIO
Para acabar com a fome
Com as necessidade
A miséria nos consome
Por isto queremos Ele
Não tem este, nem aquele
Que represente o seu nome.(p.2)
[...]

Nós queremos é GETULIO
Para ver mais produção
Para que o nosso povo
Tenha ao menos: CASA e PÃO
Mais conforto pode crer
Pois ninguém pode viver
Só nos dias de eleição.
[...]

Nós queremos é GETULIO
Para uma vida melhor
Para que os tubarões
Seu numero seja menor
Um cruzeiro pelo ovo
É roubar do nosso povo
O seu dinheiro e suor. (p.3)

Atentando para as estrofes acima, podemos perceber que realmente o poeta não deixou de fazer referência à crise econômica pela qual passara o brasileiro. Chama a atenção para o fato de que em dias de eleições “o povo passava bem”, em virtude das promessas e festas de nossos candidatos, pelo menos é o que fica nas entrelinhas. Outro fato que merece destaque é que o poeta menciona que a escolha de Getúlio Vargas não é “fanatismo” e sim uma solução para tirar o povo desta grande inflação, da “miséria” e da “calamidade”.

Foi nesta perspectiva de mudar o quadro nacional que Manoel Pereira Sobrinho (1950) escreveu um folheto “Getúlio fala a seu povo” com um discurso político em primeira pessoa, tomando a voz de Vargas. Nas primeiras estrofes, Manoel se apresenta à nação “com coragem, calma, justiça e ação”, mostrando que está disposto a qualquer sacrifício em favor do povo brasileiro, vejamos:

A Deus eu peço saúde
Sossego paz e razão
Para falar com coragem
Calma, justiça e ação
Ao povo brasileiro
Que, persistente e ordeiro
Pede minha opinião (p.3)

Ao se colocar em favor da nação, Getúlio se compara a Jesus Cristo pelo sacrifício que, por ventura, há de realizar pelo seu povo amado, oferecendo seu corpo, sua vida e seu coração, seguindo assim os passos de Cristo quando se propôs a salvar a humanidade. Esse tipo de comparação é recurso muito recorrente em todo o seu discurso e propaganda eleitoral, em que passa a utilizar palavras de convencimento e cooptação, atraindo o povo para sua atenção. Leiamos essas passagens de Sobrinho:

Povo amado do Brasil
Aqui estou outra vez
Para qualquer sacrifício
Como Cristo rei dos reis
E vou falar sem ofensa
Medo é uma doença
Que para mim não se fez. (p.1)

Refletindo os versos de Delarme Monteiro da Silva “Getúlio Vargas o Orgulho do Brasil com ele triunfaremos” datado de 1949, sobre a situação em que se encontrava o país, marcado pela fome e um grande abandono, conseqüências do governo Dutra, conclama, pois, a nação a acordar e olhar para os feitos do Senador Getúlio Vargas enquanto esteve à frente da direção do país. Pode-se perceber em seus

versos um tom de desespero ao afirmar que até por Deus o povo foi abandonado. Assim relata:

Despertai oh Brasileiros
Homens de fibra e ação,
A fome de pouco a pouco
Invade nossa nação
Breve estamos humilhados
Famintos esfarrapados,
Sem roupa, sem lar, sem pão.

Estamos abandonados
Entregues ao “Deus dará”
Mas um voto consciente
Da fome nos livrará
E o futuro medonho
Se torna belo, risonho,
E a fome passará... (p.1)

Nas demais estrofes que permeiam todo o folheto, perfazendo um total de 16 páginas, Getúlio é representado com “muito orgulho”, somando, desta forma, o que outros poetas já mencionaram a seu respeito. A singularidade deste folheto reside no fato de comparar Getúlio a um “lapidador” de diamantes e rubis, que procurou lapidar o país, tornando-o o orgulho da Nação:

Mas ainda existe um homem
Que confiança nos traz,
Seu governo é relembrado
Pelas obras colossais
Homem de virtudes largas
Seu nome é Getúlio Vargas
Que não promete mais faz.

Getúlio foi o governo
Que brilhou nosso país,
Foi como lapidador
De diamantes, rubis,
Burlou deu nome e fama
Tirando o Brasil da lama,
Cortando o mal pela raiz.(p.2)

Os folhetos analisados nesta seção apresentam um Getúlio “mitificado”, inserido nos versos de cada poeta, elencando toda uma trajetória de realizações e ações destinadas a uma sociedade que via na figura do presidente a representação de um “protetor” nacional.

2-*Corpus* de folhetos após o suicídio

Na manhã de 24 de agosto de 1954, em meio à crise política por que passara o governo Vargas, os jornais matutinos traziam em suas páginas o pedido de

licença como resultado da reunião ministerial que ocorreu pela madrugada no Palácio do Catete. Essas informações poderiam até passar sem grandes repercussões, se por volta das 8h30 uma notícia que ecoava das ondas do rádio não mudasse os rumos da história. Era divulgada para toda a nação, em edição extraordinária do Repórter Esso, transmitido pela Rádio Nacional, a notícia do suicídio do presidente Getúlio Vargas. Com uma voz trêmula, o locutor afirmava: “E atenção, acaba de suicidar-se em seus aposentos, no Palácio do Catete, o presidente Getúlio Vargas” (PRATA, 2004:81). Consternado, o povo, sem entender muito bem o que se passava, saía às ruas, ouvia outras emissoras em busca de um desmentido. Mas os esforços foram em vão, o fato estava consumado.

Segundo Jorge Ferreira (2005:165-204), na capital da República a notícia do suicídio do presidente Vargas pairou em torno de um sentimento de dor e revolta. Populares passaram a percorrer as principais ruas munidos de paus e pedras. Tudo que encontrassem pela frente de material de propaganda contra Getúlio era arrancado ou destruído. A morte de Getúlio trazia mudanças jamais esperadas pela oposição, que se via mergulhada em um clima tenso de profundas manifestações.

De fato, este dia ficou marcado na história do país. Para Boris Fausto (2006:196), a morte de Getúlio Vargas desencadeou uma mobilização popular nas grandes cidades, que colocou os opositores em posição embaraçosa. As pessoas saíam às ruas em todas as cidades, atingindo os alvos mais expressivos de seu ódio.

Meia hora depois da notícia do episódio dramático que atordoava o país, o rádio mais uma vez se fazia presente, ao divulgar uma carta-testamento na qual o presidente explicava à nação o porquê de sua decisão. Nas palavras de Ana Baumworcell (2004: 22), a leitura da carta estabelecia um elo entre o locutor e o que foi escrito pelo autor, produzindo um efeito simbólico para o receptor. A autora afirma que a sonoridade radiofônica trazia simbolicamente Getúlio Vargas de volta à cena política. Era como se a palavra, ao ser dita, ganhasse corpo, se materializasse em imagens na mente do ouvinte. Era o retrato (imaginário) do velho outra vez, apesar de ele estar está morto. “Escolho este meio de estar sempre convosco”, dizia a carta-testamento.

Nesse contexto do retorno de Getúlio por meio da carta, dos motins e lágrimas derramadas por sua partida, percebemos que o povo se “reapropriou” de uma mensagem que, ao ser pronunciada pelo rádio, assumiu contornos imagéticos. Era como

um filme que se fazia presente em cada trabalhador, o “pai” deixava seus filhos, mas ao mesmo tempo os consolava com suas últimas palavras.

O impacto da morte de Vargas caiu como uma “pedra na cabeça” dos poetas populares, pois anos atrás estes o reverenciavam, em seus folhetos, para que voltasse ao Catete. Sob lágrimas e dor, muitos correram para registrar seu pesar, algo que pudesse lembrar o quanto ele foi importante como “pai” de uma nação. Getúlio ficou na memória dos trabalhadores como o homem que ouvia os “humildes” e fora responsável pela implantação das leis trabalhistas. Era esse o perfil pelo qual Getúlio passou a ser representado nos folhetos produzidos após sua morte. Muitos poetas, ao discorrer sobre o tema, traziam à memória dos leitores suas principais realizações. Outros procuraram fazer uma espécie de folheto biográfico, perpassando informações de toda sua trajetória de vida. Independente de como o retrataram, estes folhetos contribuem para um grande registro da memória poética popular sobre agosto de 1954. Nas palavras de Mark Curran (2001:133), a morte de Getúlio, se não foi o maior, certamente foi um dos grandes acontecimentos de toda a crônica cordeliana.

Praticamente todos os cordelistas da época escreveram sobre a morte de Getúlio. Na pesquisa realizada, encontramos: Antônio Teodoro dos Santos, Rodolfo Coelho Cavalcante, Francisco Sales, Expedito Sebastião Silva, Amaro Quaresma dos Santos, Manoel Pereira Sobrinho, Manoel Monteiro, João Ferreira de Lima, Manoel D’Almeida Filho, Sebastião José do Nascimento, José João dos Santos (Azulão), José Luiz Júnior, João Antônio de Sena, Manoel Serafim, Cuíca de Santo Amaro, José Aires de Mendonça, Delarme Monteiro da Silva, Manoel Serafim, Antônio Eugênio da Silva e Minelvino Francisco Silva (ALMEIDA; ALVES SOBRINHO, 1990).

Assim sendo, Marinalva Vilar de Lima (2003:134) afirma que “em se tratando de uma personalidade de reconhecida envergadura, no âmbito da política nacional, como foi Vargas, observa-se que sua morte vai movimentar a produção e o consumo dos folhetos à época”.

Delarme Monteiro Silva (1954), atordoado com a notícia da morte do presidente, que ouvira pelo rádio, em Recife, tratou logo de versejar sobre o acontecido em um folheto intitulado “A morte do presidente Getúlio Vargas” que reproduz os passos que o teriam levado ao término da vida. Conta o poeta que utilizou, para formar a trama, os informes de jornais e os noticiários do rádio. Mas, na segunda estrofe, chama

a atenção do leitor com um simples verso, ao se dirigir a Getúlio como o “defensor do povo”, trazendo à tona toda uma representação social em torno de sua pessoa. Assim escreveu:

O Brasil por estas horas
Está de luto fechado,
Pois morreu seu presidente
Que se vendo bloqueado
Preferiu morrer com honra
Do que viver desonrado

O povo em peso pranteia
A morte do presidente
Getúlio Dornelles Vargas,
Braço firme e competente
Que por defender o povo
Sucumbiu tragicamente.(p.1)

Nas estrofes listadas abaixo, o poeta afirma lamentar muito a morte de Vargas e que ele não deveria morrer de uma forma tão cruel. Também expressa certo medo pelo futuro, quando diz que “prevê um certo desconforto”, pois morreu o presidente que olhava para o povo. Interessante observar, no final do folheto, que mesmo diante do suicídio, Vargas recebeu o perdão de Deus por ter defendido os operários. Este fato nos chama atenção porque em se tratando de uma sociedade pautada na ética cristã apostólica romana, o suicídio era visto como pecado mortal. Mas em se tratando de Vargas, este recebera o perdão tanto da sociedade como de Deus. Vejamos:

Eu mesmo lamento a morte
Desse grande presidente
Pois ele não merecia
Morrer assim cruelmente
Já houve homens piores
E morreram calmamente.

A minha humilde homenagem
Eu rendo ao ilustre morto
Pois como pobre operário
Já prevejo o desconforto
A que fica o povo pobre
Que nele via conforto.
[...]

Deixou nosso presidente
Eterna recordação
Lutou por suas idéias
Alcançou seu galardão
Retirou-se sem desonra
Morreu mas morreu com honra
E de Deus teve o perdão.(p.8)

Rodolfo Coelho Cavalcante (1954), em seu folheto “A morte do Grande Presidente Getúlio Vargas”, na sua primeira estrofe, traz uma reflexão sobre a morte, para depois dizer, em um tom bastante acusatório, que os traidores foram os verdadeiros culpados pela morte do presidente. Ao analisar este folheto, percebemos que Getúlio morreu como vítima da ação dos traidores, essa foi uma das saídas encontradas por alguns cordelistas para lidar com o suicídio. Vejamos:

A morte é como um punhal
Que fere nosso sentido
É o descanso da alma
Quando tem muito sofrido
O labirinto da sorte
Para o desconhecido.

Em 24 de agosto
Oito e meia da manhã
GETULIO DORNELLES VARGAS
Essa nossa alma irmã
Morreu pela sua Pátria
Que era sua ardente fã.

Suicidou-se Getúlio?
Não leitores, isto não!
Mataram Dr. GETÚLIO
Com a arma da traição
Venderam-lhe e ameaçaram-lhe
Ferindo seu coração.
[...]

Como Cristo foi Getúlio
Maltratado e oprimido
Por Gregório traídoado
Por Climério atingido
Por amigos desprezado
Por parentes sucumbido.(p.1)

Quem matou Getúlio Vargas
Não foram os trabalhadores
Não foram os pequeninos
Foram eles: os Doutores
Foi a Política malsã
Dos políticos traiçoeiros!

Quem matou Getúlio Vargas
Foram eles os medalhões
Aqueles que a ele
Lhes pedia proteções
Se dizendo serem amigos
Com o seus falsos corações.(p.8)

Mas o que chama atenção neste folheto é a comparação que Rodolfo Cavalcante faz de Getúlio em relação a Cristo, no tocante a seu sofrimento e martírio. Portanto, percebemos que há uma projeção da imagem de Getúlio a um plano divino. Rodolfo Cavalcante deixa bastante claras tais representações quando diz que “Getúlio é o símbolo da Redenção”, o “Salvador da nação”.

Para Alcir Lenharo (1986:194), essa relação Getúlio-massa está fundamentada em três arquétipos: o Getúlio como imagem do Pai, que protege e ampara seus filhos, ora identifica-se com a imagem de um Filho ligado à idéia do Messias que veio para poder salvar e mudar a Nação e a imagem do Espírito Santo, aquele que ilumina o seu povo, que veio para trazer a luz.

E nesta comparação, chega a mencionar o fato de Getúlio ter morrido pela nação, oferecendo seu “corpo” como holocausto e derramado seu sangue. Tal discurso está presente no imaginário religioso social; cabendo lembrar que a religião católica se fazia presente, com suas normas e éticas junto ao social, como é possível observar nos versos:

Como Cristo ofereceu
O seu corpo à nação
Derramou seu próprio sangue
Ferindo seu coração
Todo povo brasileiro
Tem-lhe toda gratidão.

Nunca na História do Brasil
Registrou um fato igual
No mundo somente Nero
Teve um epílogo fatal
Mas Getúlio se imolou
Como Cristo tal e qual. (p.2)
[...]

Analisando, ainda, esta conotação religiosa delegada a Vargas pelos poetas, Marinalva Vilar de Lima (2003:132-133) afirma que:

Os poetas vão atribuir a Getúlio uma relação de grande proximidade com Jesus. No entanto, esta distinção não tem uma conotação deificadora, conforme ocorre nas narrativas sobre as mortes dos homens religiosos. O espaço celestial, subsidiário aos políticos, que sobressai dos folhetos, por um lado, copia as tramas terrenas e, por outro, é representado a partir das idéias de além que se ligam à tradição cristã.

Com as análises do *corpus* de folhetos referentes a Getúlio Vargas, podemos verificar que a poesia foi um dos caminhos que veicularam a representação de um político de grande notoriedade no país. Desde a sua chegada ao poder até sua morte

Getúlio foi perpetuado por uma classe social que se viu assistida por benefícios que interferiram diretamente em seu cotidiano: as leis trabalhistas. Cabe ressaltar que o poeta não representava a voz da consciência de uma classe; ele, ao escrever, se via associado a um contexto social que o permitia versejar sobre Vargas. Claro que em seus versos podemos encontrar essas representações trabalhistas, mas isso não foi uma constante para todos os trabalhadores; basta lembrar que os benefícios atingiram apenas uma parcela da sociedade. Se não conseguiu chegar a todos, pelos menos contribuiu para acelerar mudanças no cenário político social brasileiro. Seu registro nas poesias ecoa como um pássaro em liberdade cuja imagem, seu perfil, sua vida se faz presente a cada poeta, que ao versejar sobre sua vida, ganhava páginas na história. Getúlio, por meio de sua morte-sacrifício ou sua morte-tragédia, cumpriu talvez seu objetivo: consolidou-se como um “mito”, um “herói” nacional. Nas suas palavras, serenamente deu o primeiro passo no caminho da eternidade e saiu da vida para entrar na história.

Todavia, as leituras destes folhetos nos fazem perceber que, entre os poetas que versejaram sobre Getúlio, existia certa homogeneização ao representá-lo. Suas análises contribuíram para reforçar o quanto o papel do Estado foi decisivo para deixar registradas na memória social as ações impetradas no seu governo. Vargas e sua equipe não descuidaram um só momento do fator ideológico que contornou sua trajetória política. Mesmo tendo seu lado negativo no tocante ao cerceamento das liberdades democráticas e ao autoritarismo, seu nome estava presente e registrado nos folhetos de cordel.

Fontes e Referências

Folhetos Analisados

CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. *A Morte do Grande Presidente Getúlio Vargas*. Salvador, Juazeiro do Norte-CE, Tipografia São Francisco, 1954.

_____. *Nós Queremos Getúlio*. Salvador, [s/d, s/n].

SILVA, Delarme Monteiro da. *Getúlio Vargas, O Orgulho do Brasil, com ele triunfaremos*. Juazeiro do Norte, Tipografia São Francisco, 1950.

_____. *A Morte do Presidente Getúlio Vargas*. Recife, [s/n], 1954.

SOBRINHO, Manoel Pereira. “*Getúlio Fala ao seu Povo*”. Campina Grande- PB, [s/n], 1950.

Bibliografia

- ABREU, Márcia. *História de cordéis e folhetos*. Campinas, SP: Mercado de Letras: ALB, 1999.
- ALMEIDA, Cícero Antônio F de. *A carta de muitos autores*. Revista Nossa História. Ano 1, nº 10, agosto 2004,
- ALMEIDA, Átila de e ALVES SOBRINHO, José. *Dicionário Bio-bibliográfico de poetas populares*. 2.ed., ampliada e reformulada, Campina Grande PB: UFPB-Campus II, 1990.
- AZEVEDO, Cecília da Silva. *Rompendo fronteiras: a poesia de migrantes nordestinos no Rio de Janeiro (1950-1990)*. Dissertação de Mestrado. Niterói, Programa de pós-graduação em História, ICHF, CEG, UFF, 1990.
- BAUMWORCEL, Ana. 1954: um retrato do rádio na época de Vargas. In: *Vargas, agosto de 54: a história contada pelas ondas do rádio*. (Org.) Ana Baumworcel, Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. 2. ed. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel, 2000.
- CURRAN, Mark J. *A presença de Rodolfo Coelho Cavalcante na moderna literatura de cordel*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Fundação Casa Rui Barbosa, 1987.
- _____. *História do Brasil em Cordel*. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 2001.
- DIÉGUES JÚNIOR. Manoel. Formação do Folclore Brasileiro: Origens e características culturais. In: *Revista Brasileira de Folclore*. Ano II, nº 4, Set./Dez. 1962.
- _____. Ciclos Temáticos na Literatura de Cordel. In: et.al. *Literatura popular em versos: estudos*. Belo Horizonte; Itatiaia; São Paulo: Ed.da Universidade de São Paulo; Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 1986.
- FAUSTO, Boris. *Getúlio Vargas: o poder e o sorriso*. São Paulo: Companhia das letras, 2006.
- FAUSTO NETO, Antônio. *Cordel e a ideologia da punição*. Petrópolis: Vozes, 1979.
- FERREIRA, Jorge. O carnaval da tristeza: os motins urbanos do 24 de agosto. In: *O Imaginário Trabalhista: getulismo, PTB e cultura política popular 1945-1964*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. *Cordel: leitores e ouvintes*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- GRILLO, M^a Ângela de Faria. *A Arte do Povo: Histórias na literatura de Cordel (1900-1940)*. 2005, 257p. Tese (Doutorado em História), Instituto de Ciências e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro,
- JAMBEIRO, Orthon. [et al.] *Tempo de Vargas: rádio e o controle da informação*. Salvador: EDUFBA, 2004.
- LENHARO, Alcir. *Sacralização da política*. Campinas. 2. ed., São Paulo: Papyrus, 1986.

LEÃO, Fabiana Coelho de Souza. *Encruzilhadas: encontros nos cordéis de Manoel Pereira Sobrinho*. Recife: Fundação da Cidade do Recife, 2005.

LESSA, Orígenes. *Getúlio Vargas na literatura de cordel*. Rio de Janeiro. Documentário, 1973.

LIMA, Marinalva Vilar de. *Loas Que Carpem: A Morte na Literatura de Cordel*. 2003, 208p. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

MATOS, Edilene. *Cuíca de Santo Amaro: o boquirroto de megafone e cartola*. Rio de Janeiro: Manati, 2004.

PRATA, Nair. O rádio mineiro e a cobertura do suicídio de Getúlio Vargas. In: *Vargas, agosto de 54: a história contada pelas ondas do rádio*. (Org.) Ana Baum. Rio de Janeiro: Gramond, 2004.

SKIDMORE, Thomas E. *Brasil de Getúlio a Castelo Branco, 1930-1964*. Trad. Ismênia Tunes Dantas. 7. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

SOUZA, Liêdo Maranhão de. *Classificação popular da Literatura de Cordel*. Petrópolis: Vozes, 1976.

_____. *O folheto popular: sua capa e seus ilustradores*. Recife. Massangana, 1981.